

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM DESAFIO PARA OS PROFESSORES

INCLUSIVE EDUCATION: A CHALLENGE FOR TEACHERS

EDUCACIÓN INCLUSIVA: UN DESAFÍO A LOS PROFESORES

Keila Cardoso dos Santos¹
Renata Adriana Garbossa²

Resumo

Este trabalho analisa o fazer docente do professor e o desafio da educação inclusiva. Tal problemática consiste em buscar compreender quais os desafios e possibilidades para os professores em relação à educação inclusiva na educação básica. Essa questão se justifica baseada na compreensão que educação inclusiva sempre foi um grande desafio para os professores, muitos alunos chegam nas salas de aulas com dificuldades na aprendizagem ou aparentemente com altas habilidades, sendo papel do professor buscar, junto com a equipe pedagógica, ações e encaminhamentos para que esses alunos possam ser diagnosticados e ter um olhar diferenciado no seu processo educativo. A educação inclusiva é o direito do aluno em ter um atendimento especializado, pois tanto os pais quanto a sociedade esperam isso das escolas. O objetivo central desse estudo é investigar qual o papel do professor em uma educação inclusiva assim como compreender os desafios encontrados pelos professores na prática pedagógica para uma inclusão efetiva. Para isso, foram empregados os seguintes procedimentos: leitura de artigos científicos, publicações e livros que tratam sobre o tema estudado. Esse propósito será fundamentado a partir da revisão bibliográfica. A análise demonstrou que esse é um tema pertinente para toda sociedade, é de extrema importância que seja tratado com muita responsabilidade, pois a inclusão é um desafio para o professor. O aluno incluso na maioria das vezes necessita de um atendimento diferenciado, que respeite as suas especificidades. A fundamentação teórica desse trabalho buscou analisar questões sobre a inclusão, o papel do professor e a formação continuada.

Palavras-chave: professor; inclusão; desafio; formação continuada.

Abstract

This paper presents an analysis of teaching practice and the challenges inherent to inclusive education. This problem concerns the difficulties and potentialities facing teachers in the context of inclusive education in basic education. This issue is justified by the recognition that inclusive education has consistently represented a significant challenge for teachers. A significant proportion of students entering the classroom display learning difficulties or high levels of ability. It is the responsibility of the teacher, in collaboration with the wider pedagogical team, to identify appropriate actions and referrals that will facilitate diagnosis and enable students to engage with their educational process in a different manner. Inclusive education is a fundamental right of the student, namely the right to specialized care, which is a standard that both parents and society expect from schools. The principal objective of this study is to examine the role of the teacher in the context of inclusive education and to gain insight into the challenges encountered by teachers in their pedagogical practice with a view to achieving effective inclusion. To achieve this, the following procedures were employed: a review of scientific articles, publications and books that deal with the subject under study. This will be based on a bibliographical review. The analysis demonstrated that this is a pertinent issue for society, and it is of the utmost importance that it be treated with the utmost responsibility, as inclusion is a significant challenge for teachers. In most cases, the included students require specialized care that respects their specific characteristics. The theoretical basis of this work sought to analyze questions about inclusion, the role of the teacher and continuing education.

Keywords: teacher; inclusion; challenge; continuing education.

¹ Acadêmica no curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Internacional (UNINTER).

² Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER).

Resumen

Este trabajo analiza el rol docente del profesor y el desafío de la educación inclusiva. Tal problemática consiste en buscar comprender cuáles son los desafíos y las posibilidades para los profesores con relación a la educación inclusiva en la educación básica. Esa pregunta se justifica con base en la comprensión de que la educación inclusiva siempre ha sido un gran desafío para los profesores, muchos alumnos llegan a las aulas con dificultades en el aprendizaje o aparentemente con altas habilidades, siendo el papel del profesor buscar, junto con el equipo pedagógico, acciones y direccionamiento para que esos alumnos puedan ser diagnosticados y tener una mirada diferenciada en su proceso educativo. La educación inclusiva es el derecho del alumno en tener un apoyo especializado, pues tanto los padres como la sociedad esperan eso de las escuelas. El objetivo central de ese estudio es investigar cuál es el papel del profesor en una educación inclusiva, así como comprender los desafíos encontrados por los profesores en la práctica pedagógica para una inclusión efectiva. Para ello, se han empleado los siguientes procedimientos: lectura de artículos científicos, publicaciones y libros que desarrollen el tema estudiado. Ese propósito se basará en la revisión bibliográfica. El análisis demostró que ese es un tema relevante para toda la sociedad, es de extrema importancia que sea tratado con mucha responsabilidad, porque la inclusión es un desafío para el profesor. El alumno incluido en la mayoría de las veces necesita de un apoyo singular, que respete sus especificidades. La fundamentación teórica de ese trabajo buscó analizar cuestiones sobre la inclusión, el papel del profesor y la formación continua.

Palabras clave: profesor; inclusión; desafío; formación continua.

1 Introdução

A escola, por ser uma instituição social educativa, tem como papel a formação do cidadão, com o objetivo de que esse venha a participar conscientemente da sociedade em que vive, com qualidade de ensino, além de garantir a permanência desse aluno no ensino regular. Nesse sentido, repensar a educação é um processo fundamental, analisando o que a escola, o município, o estado e a sociedade, em geral, devem fazer, com seriedade, honestidade e competência, no sentido de que a escola cumpra com o seu verdadeiro papel social. A família é peça chave nessa construção, a sua participação deve ser efetiva, significativa e essa responsabilidade familiar torna-se imprescindível quando se trata de alunos de inclusão.

A inclusão é o direito à igualdade de oportunidades e a uma educação inclusiva, que compreende a educação como um direito humano fundamental, preocupando-se em atender todas as pessoas, sejam quais forem suas características, dificuldades ou habilidades. Partindo desses pressupostos, o referido estudo buscou refletir sobre quais os desafios e possibilidades para os professores em relação à educação inclusiva na educação básica. Para que a educação inclusiva ocorra de fato na sociedade, é necessário que educadores, escolas, sistemas educativos e a sociedade em geral aceitem a diversidade, respeitem o diferente, visto que incluir não é apenas matricular em uma escola, são necessárias ações, atitudes reais de todos os envolvidos. Nesse sentido, a inclusão é uma realidade e deve ser tratada com seriedade, ou seja, não é papel somente da escola, a família também tem suas responsabilidades para que a inclusão tenha o resultado esperado.

Esse artigo tem o objetivo de trazer reflexões sobre qual o papel do professor em uma educação inclusiva, assim como compreender os desafios encontrados na prática pedagógica para uma inclusão efetiva. Os objetivos iniciais desse artigo foram alcançados, a análise demonstrou que a inclusão é um desafio, mas com a parceria da família, com formações continuadas, os professores superam os desafios e a inclusão acontece de forma efetiva. As tecnologias assistivas, as adaptações, sejam em grande escala (modificações de acessibilidade estruturais) ou as pequenas adaptações (atividades, objetos de uso pessoal), são essenciais no processo inclusivo e, muitas vezes, podem ser realizadas apenas pelo professor.

O trabalho estrutura-se em dois subtítulos, sendo abordado, no primeiro, sobre o que é a inclusão, como ela se efetiva, alguns apontamentos das mudanças que muitas vezes são necessárias para a inclusão e sobre as tecnologias assistivas, enquanto o segundo subtítulo traz algumas deliberações sobre a importância da parceria com a família. Ressalta-se que essa pesquisa, de caráter bibliográfico, não tem por intencionalidade esgotar o tema, o que exigiria a utilização de outra metodologia e instrumentos de pesquisa, mas sim, lançar questões e reflexões a partir da pergunta norteadora e que podem ser objeto de atenção em outros trabalhos.

2 Metodologia

A metodologia para o desenvolvimento desse trabalho baseou-se em livros da área de metodologia científica, utilizou da pesquisa bibliográfica para referências e fundamentação do problema apresentado. Segundo Cortelazzo e Romanowski:

A pesquisa bibliográfica se refere aos estudos investigativos que tem como base fontes de referências tais como livros e periódicos. Seu objetivo é auxiliar na análise e na compreensão de um tema, contribuindo para explicar o problema a partir das inferências teóricas obtidas nas leituras (Cortelazzo; Romanowski, 2007, p. 37).

As leituras complementares são obrigatórias e devem propiciar uma expansão do conhecimento do leitor. A pesquisa tem cunho qualitativo, portanto, traz dados e elementos que não podem ser quantificados, pois se trata de elementos da ordem social, interpretativos. Inicialmente, será feita uma revisão bibliográfica para fundamentar os objetivos da pesquisa e conseguir as informações necessárias para uma análise mais profunda sobre os desafios do professor na inclusão, qual o papel do professor e como suas práticas pedagógicas influenciam em um processo de inclusão efetiva, sem esquecer da importância da família e das tecnologias assistivas. Foram pesquisadas monografias que abordam o tema, autores como Aranha, Bersch, Sasaki, Silva, e, para a busca, foram utilizadas as palavras-chaves: professor, inclusão, desafio e formação continuada.

3 A educação inclusiva e o professor

Um dos grandes desafios do professor, em sua prática pedagógica, é a inclusão, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, com salas heterogêneas, compreendendo a individualidade de cada indivíduo e o seu tempo de aprendizagem, nesse sentido, entende-se que um dos grandes desafios é o professor propor atividades diferenciadas, que desenvolvam e/ou facilitem o processo de aprendizagem para todos.

Dentro dessa realidade das salas de aula, não é difícil encontrar alunos inclusos e/ou em processo de inclusão, com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação. O processo inclusivo no contexto da escola requer, na dinâmica pedagógica, a introdução de uma cultura fundamentada nos princípios éticos, políticos e estéticos para subsidiar uma atitude processual inclusiva na construção de uma proposta de trabalho escolar. Quando se fala em processo inclusivo, vem a imagem de uma criança inclusa em uma sala regular, convivendo com seus pares, no entanto, não é somente isso, além dessa inclusão, a criança tem direito a um atendimento especializado, em contraturno ou paralelamente a sua aprendizagem. A educação inclusiva assegura o respeito à diversidade e busca por uma educação de qualidade, priorizando a prática educacional inclusiva junto aos sistemas de ensino, considerando que todas as pessoas possam desenvolver e aprender desde que sejam ensinados e mediados.

Um dos grandes desafios dos educadores brasileiros nos dias atuais, é a busca de uma educação para todos, que respeite a diversidade, os maiores direitos humanos eliminando estereótipos e substituindo o conceito desigualdade pelo de equidade, ou seja, a igualdade de direitos respeitando-se as diferenças (Gadotti, 1993, p. 213).

A inclusão é a capacidade de entender e reconhecer o outro, e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes. Segundo Aranha,

A ideia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isso significa garantia de acesso a todos, a todas as oportunidades, independente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social (Aranha, 2000, p. 2).

Inclusão é incluir o diferente, de modo que o professor deve levar as crianças a entenderem as diferenças e respeitá-las, esse é o caminho para uma inclusão real. A inclusão é um desafio para o professor e para a sociedade, e por mais que se discuta, façam reflexões e seminários, a inclusão não deixou de ser um desafio que amedronta a maioria dos professores e a sociedade em geral.

O direito à igualdade de oportunidades, em uma educação inclusiva, compreende a educação como um direito humano fundamental, que se preocupa em atender todas as pessoas. Para Sasaki, “a inclusão significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida” (1997, p. 167). Nesse sentido, cabe ao professor mostrar o respeito pelas diferenças no desenvolvimento da aprendizagem, observar a diversidade, fazer a interação entre todos os alunos, pois todos são diferentes, seja na aparência física, nas culturas, credos, assim como no tempo de aprendizagens. A grande questão é como trabalhar com os alunos em processo de inclusão dentro da sala de aula, de modo que o professor reflita a prática pedagógica com o objetivo de envolver todos os alunos.

[...] os alunos com necessidades educacionais especiais são aqueles alunos que por apresentar algum problema de aprendizagem ao longo de sua escolarização exigem uma atenção mais específica e maiores recursos educacionais do que os necessários para os colegas de sua idade (Coll; Palácios; Marchesi, 1995, p. 11).

A inclusão não é apenas levar atividades diferenciadas para o aluno, atividades mecânicas, mas sim atividades que favoreçam a aprendizagem, trazendo o estudante para a sala de aula, a fim de que se sintam parte dessa.

A inclusão escolar foi definida por Karagiannis, Stainback e Stainback como:

a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas (1999, p. 21).

Cada criança tem uma forma de aprender, independentemente de ser um aluno de inclusão ou não, nesse sentido, o professor deve trazer diversos recursos para a sala de aula, promovendo diversas formas de aprendizagem.

O professor precisa organizar-se com antecedência, planejar com detalhes as atividades e registrar o que deu certo e depois rever de que modo as coisas poderiam ter sido melhores. É preciso olhar para o resultado alcançado e perceber o quanto “todos” os alunos estão se beneficiando das ações educativas (Minetto, 2012, p. 101).

Porém, muitas vezes, essa inclusão não é suficiente para uma aprendizagem de qualidade, precisando de algo a mais, dependendo da necessidade que a criança tenha para esse processo de ensino e aprendizagem.

O que se deve ter em mente é que a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular há que se contar com professores preparados para o

trabalho docente que se estribem na perspectiva de diminuição gradativa da exclusão escolar e da qualificação do rendimento do alunado, ao mesmo tempo em que, dentro dessa perspectiva, adquira conhecimentos e desenvolva práticas específicas necessárias para a absorção de crianças com necessidades educacionais especiais. (Fernandes, 2013, p. 79).

Com relação à rede de apoio que deve ser estabelecida em torno da criança, não se deve esquecer da família, pois essa é essencial diante desse processo que é a inclusão e o atendimento especializado. Sobre essa parceria, Minetto discorre sobre a importância do trabalho em equipe:

Ao identificar que um aluno tem necessidades educacionais especiais, a escola (diretores, orientadores e professores) deve organizar uma rede de apoio eficiente, incluindo a família. Isso engloba buscar assessoria técnica de especialistas de diferentes áreas sempre que necessário, sendo que, em alguns casos, essa assistência precise ser contínua; promover reuniões com a família de estudo; priorizar a participação e o envolvimento dos pais e demais profissionais (técnicos que fazem atendimento fora da escola), para que estes possam dar suas sugestões e, também, ver o esforço da escola (Minetto, 2012, p. 61-62).

A verdadeira inclusão é promover mudanças, adaptar a escola e o currículo a esse aluno, proporcionando atendimentos especializados conforme a necessidade da criança. A acessibilidade não deve ser apenas do espaço físico, mas em tudo que esteja relacionado diretamente com o aluno, como os materiais e as atividades para os alunos com algum tipo de deficiência, de forma que não sejam facilitados, mas sim adaptados às necessidades desses. O papel do professor em sua prática pedagógica vai além de ensinar, é ele quem promove a inclusão efetiva. Incluir um aluno com necessidades educacionais especiais não significa apenas acolhê-lo, mas proporcionar situações reais de aprendizagem. Pelo olhar de Rodrigues,

[...] não se separam os alunos com base em determinadas categorias, mas em que se educam os alunos em conjunto, procurando aproveitar o potencial educativo de suas diferenças, em suma, uma diferenciação na classe assumida como um grupo heterogêneo (Rodrigues, 2003, p. 92).

A escola inclusiva não pode ser pensada apenas como aquela que apenas acolhe o aluno, ou procura um professor especialista para atender determinados estudantes, pois, além disso, a escola inclusiva faz com que o professor repense sua prática pedagógica, buscando conhecimentos necessários para trabalhar com esses alunos, promovendo, com a equipe pedagógica, as adaptações necessárias na sala de aula, nos materiais pedagógicos, no currículo, pensando em como a escola pode se adaptar para incluir realmente esse aluno.

O ensino se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especialmente organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos

que apresentem necessidades educacionais muito diferentes da maioria das crianças e jovens (Mazzota, 1996, p. 81).

A escola, ao oferecer o atendimento educacional especializado, buscará identificar, com o professor e o aluno, as barreiras que esse enfrenta no contexto educacional comum, ou mesmo, que o impedem ou o limitam de participar dos desafios de aprendizagem na escola em uma turma de ensino regular. Quando identificadas essas dificuldades, ou mesmo as habilidades desses alunos, a equipe pedagógica, em conjunto com o professor, pesquisará e implementará recursos ou estratégias que podem auxiliar, promover ou ampliar as possibilidades de participação e atuação nas atividades, nas relações, na comunicação e nos espaços da escola.

3.1 As tecnologias assistivas

Para uma educação de qualidade, é necessário que o professor disponha de várias ferramentas em sua prática pedagógica, nesse sentido, a Tecnologia Assistiva é imprescindível na promoção da aprendizagem.

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada a atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão (Silva, 2014, p. 56).

O professor deve repensar a prática pedagógica, inovar, buscar novos ou velhos métodos para ensinar, pois não é o aluno que deve se adaptar, mas sim a escola, com o professor adaptando o seu modo de agir, pensar, caminhando para uma inclusão efetiva. As tecnologias assistivas podem ser um diferencial para o professor, e usá-las na escola é

(...) buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa “fazer” de outro jeito. É valorizar o seu jeito de fazer e aumentar suas capacidades de ação e interação, a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras e artes, com a utilização de materiais pedagógicos especiais. É a utilização do computador como alternativa de escrita, fala e acesso ao texto. É prover meios para que o aluno possa desafiar-se a experimentar e conhecer, permitindo assim que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator (Bersch, 2005, p. 89).

As tecnologias, assim como tudo o que for para melhorar a qualidade de ensino para alunos com deficiência e/ou altas habilidades, devem ser utilizados pelo professor, nessa busca por qualidade no processo de ensino aprendizagem de forma contínua. Para que a educação inclusiva se processe de fato na sociedade, é necessário que educadores, escolas, sistemas

educativos e a sociedade em geral transformem e valorizem a diversidade. A educação inclusiva deverá ser compreendida como um processo dirigido à universalização da educação de boa qualidade para todos e por toda a sua vida, embora, ainda, seja entendida e relacionada ao aluno da Educação Especial.

Na promoção de uma educação inclusiva de qualidade, de modo que os alunos com necessidades educativas e/ou com altas habilidades/superdotação possam usufruir de todas as ferramentas possíveis para auxiliar em sua aprendizagem, a sala de recursos multifuncional torna-se o local apropriado para o aluno aprender a utilização das ferramentas de tecnologia assistiva, tendo em vista o desenvolvimento da autonomia. O recurso de tecnologia assistiva não deverá estar somente na sala multifuncional, devendo ser utilizado onde e como o aluno necessitar para uma aprendizagem de qualidade.

A tecnologia assistiva encontra sentido quando acompanha o aluno no contexto escolar comum, de modo que apoia a sua escolarização dentro da sala regular ou em outros espaços escolares. Sendo assim, o trabalho na sala se destina a avaliar a melhor alternativa de tecnologia assistiva, produzindo materiais para os alunos e encaminhando tais recursos produzidos para que sirvam ao aluno na turma de ensino regular, ao qual já esteja inserido, com a família e nos demais espaços que frequenta. Quando se fala em tecnologia assistiva, na perspectiva de uma educação inclusiva de aprendizagem com foco real no aluno, pensa-se em uma proposição de educação para autonomia, com conhecimento aplicado para resolução de problemas funcionais enfrentados pelos alunos, que promove a ruptura das barreiras que impedem ou limitam a participação desses alunos nos desafios educacionais.

Vale sempre enfatizar que a inclusão de indivíduos com necessidade educacional especiais na rede regular de ensino não consiste apenas na sua permanência junto aos demais alunos, nem na negação dos serviços especializados àqueles que deles necessitem. Ao contrário implica em uma reorganização do sistema educacional o que a carreta a revisão de antigas concepções e paradigmas educacionais, na busca de se possibilitar o desenvolvimento cognitivo, cultural e social desses alunos, respeitando suas diferenças e atendo às suas necessidades (Garcia Junior, 2007, p. 181).

São muitas as barreiras no processo de inclusão, pois esse não ocorre apenas dentro da sala de aula, é um processo que deve ocorrer também na escola e na sociedade. Silva lista alguns aspectos que impedem um processo de inclusão efetivo:

- Prédios escolares pouco ou nada adaptados, como, por exemplo, prédios sem rampa, barra de apoio, banheiro adaptado e portas alargadas para permitir a passagem de cadeira de rodas, extintores localizados muito baixos de modo que o aluno com deficiência visual possa esbarrar;

- Adaptação insuficiente no mobiliário da escola (falta de mesas e cadeiras adaptadas de acordo com as características dos alunos, por exemplo);
- Número elevados de alunos por sala de aula;
- Falta de recursos materiais, como material didático (livros em Braille, livros falados, softwares educativos específicos) e equipamentos específicos (computador com sintetizador de voz, dispositivos para acesso ao computador);
- Falta de recursos humanos, já que a inclusão escolar requer a contratação de profissionais especializados, tais como intérprete de Libras, professor especializado em educação especial, psicólogo, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, entre outros (Silva, 2012, p. 127).

A inclusão requer muitos investimentos, tanto na área física, estrutural, como na área humana. Para a inclusão ocorrer em uma escola, muitos são os fatores que devem ser observados. A acessibilidade é um tema tão discutido, mas na prática ainda há muito a se fazer.

Outra questão que permeia esse estudo é o fato de que há apenas um passo da inclusão para a exclusão, ou seja, há uma linha muito tênue entre esses dois temas, visto que muitas vezes mais se exclui do que se inclui os alunos. A inclusão não é apenas o fato de acolher o aluno, é fazer com que ele se sinta parte da escola, criando mudanças no olhar e no agir do professor, deixando de lado o diagnóstico clínico, médico, e atentando-se no que o aluno precisa, pedagogicamente, trabalhando para que ocorra o processo de ensino aprendizagem, a fim de respeitar as diferenças e o tempo de cada aluno. Quando o professor não se sente preparado ou não consegue administrar bem esse processo em sua classe, estará mais excluindo do que incluindo esse aluno. A exclusão não ocorre apenas com o aluno com necessidades educativas especiais. Para Barroso:

- A escola exclui porque não deixa entrar os que estão fora;
- A escola exclui porque põe fora os que estão dentro;
- A escola exclui “incluindo”;
- A escola exclui porque a inclusão deixou de fazer sentido (Barroso, 2003, p. 27).

Muitos são os fatores que podem ser de exclusão, por exemplo, fatores econômicos, abandono escolar, falta de motivação, uma escola com propostas desconectadas com a realidade de seus alunos, currículos ultrapassados e professores desmotivados. Com todas essas formas de exclusão, o professor se sente, muitas vezes, incapaz de produzir uma prática pedagógica inclusiva. O processo de inclusão não deve ser encarado como algo inevitável, mas sim como uma oportunidade de aprendizagem e de conhecimento para todos, respeitando e valorizando a diversidade da convivência entre os diferentes, baseada na compreensão de que cada ser é único, com características, habilidades e potencialidades próprias e que todos fazem parte do mesmo contexto.

O processo inclusivo no contexto escolar requer, na dinâmica pedagógica, a introdução de uma nova cultura fundamental nos princípios éticos, políticos e estéticos para subsidiar uma atitude processual inclusiva na construção de uma proposta de trabalho escolar.

4 Família: uma parceria essencial para o sucesso

A educação inclusiva assegura o respeito à diversidade e a busca por uma educação de qualidade, priorizando a prática educacional inclusiva junto aos sistemas de ensino, considerando que todas as pessoas possam desenvolver e aprender desde que sejam ensinados e mediados para construir um mundo que caiba todos. Segundo Aranha,

A ideia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isso significa garantia de acesso a todos, a todas as oportunidades, independente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social (Aranha, 2000, p. 2).

A família é um elo muito importante no processo de inclusão, desse modo, o atendimento destinado aos familiares do aluno incluso é tão importante quanto o atendimento ao aluno, ou seja, é um desafio dar um atendimento cordial à família, permitindo compreender seus sentimentos e frustrações em que são capturados e do filho especial, desviando de informação e assistência excessivas para o entendimento da família. Machado ressalta que,

A vivência familiar é insubstituível. No entanto essa possibilidade de ampliar esta vivência entre outras crianças, desde que num ambiente propício, com adultos qualificados e uma metodologia que levem em conta suas necessidades e características, favorece e enriquece seu desenvolvimento desde que nasce e isto só é possível numa instituição voltada para este fim. Escola e família não se excluem se completam (Machado, 1991, p. 19).

Considerando os aspectos acima citados, a escola e a equipe pedagógica devem auxiliar família, oferecendo informações pertinentes aos comprometimentos e/ou altas habilidades da criança. Ainda dentro dessa discussão, é essencial que a equipe pedagógica esteja sempre atenta e sensível à família da criança inclusa, evidenciado no seu trabalho a importância preciosa do diálogo entre a família e escola. Sendo a família responsável pelos estímulos educativos elementares e a escola pela sua continuidade, vê-se que asseguram o desenvolvimento social e cognitivo da criança com deficiência intelectual e outras necessidades educativas especiais. Acredita-se que “o envolvimento dos pais proporciona benefícios a vários níveis: às crianças, aos pais, às escolas e, generalizando, infere melhorias na sociedade democrática” (Davis, 1989, p. 37).

A família espera ser homologada em seu papel de criar uma criança que se comporta bem segundo o padrão de desenvolvimento esperado. Ela quer ser confirmada, reconhecida como boa. Os pais, todavia, fazem mais para a criança do que com a criança, o que revela um predomínio da noção de sacrifício, de peso, em vez de satisfação. Quando uma sociedade acolhe as diferenças de seus membros, ela pode acompanhar a família, respeitar-lhe o olhar, deixá-la trazer suas necessidades, opiniões e aspirações e considerá-la uma especialista em seu filho (Oliveira, 2008, p. 179-180).

Para isso, a ação da equipe pedagógica se encontra no exercício de criar estratégias de intervenção no contexto escolar e no contexto familiar da criança em processo de inclusão, gerando uma melhor qualidade da aprendizagem e interação social dessa. De acordo com Aranha:

sabe-se, entretanto, que a família tem se encontrado, historicamente, numa posição de dependência de profissionais em diferentes áreas do conhecimento, no sentido de receberem orientações de como proceder em relação às necessidades especiais de seus filhos (Aranha, 2004, p. 07).

Por isso, a equipe pedagógica necessita estar atenta à dinâmica travada nessas interações, devendo ter uma base teórica, atitudes de observação para compreender as dificuldades encontradas pela família no cuidado e interação com seu filho. Toda família com uma criança inclusa desenvolve uma dinâmica peculiar e, geralmente, chegam até a escola para a entrevista de ingresso receosos, preocupados e confusos. Quaisquer que sejam as formas de envolvimento e colaboração entre o pedagogo e a família de crianças inclusas, com certeza serão úteis e de grande subsídio para que se alcance o desenvolvimento harmonioso das crianças e a sua inclusão social.

5 Conclusão

A educação inclusiva é um tema amplo e muito discutido na sociedade, cada vez mais educadores vem abordando o tema, pois se trata de uma realidade em sala de aula, mas mesmo o aluno sendo incluso, não se deve esquecer que ele tem as suas limitações e além de um ensino diferenciado em sala ele necessita atendimentos especializados. A educação, a aprendizagem de qualquer criança devem sempre priorizar a qualidade, e todos os meios que para isso se concretize devem ser utilizados. A sociedade não aceita mais que esse aluno seja tratado e forma diferente dos demais, ele precisa sim de um atendimento especializado, em salas multifuncionais, de atendimento clínico, mas sempre lembrando que em sala de aula ele deve ser respeitado dentro de suas limitações ou habilidades.

Esse estudo trouxe muitas reflexões a respeito da educação inclusiva e seus desafios, e entre esses, o atendimento especializado, principalmente quando pensado em escolas de

pequeno porte, no qual há um pequeno número de casos de inclusão, fazendo com que muitas vezes seja inviável a contratação ou a abertura de salas multifuncionais.

É indiscutível de que é um direito do aluno ter todos os instrumentos necessários para que sua aprendizagem realmente se efetive. Não é preocupação única de professores, mas da sociedade em geral, porém muito pode ser feito pelo professor e pela equipe pedagógica. Cabe ao professor, por exemplo, adaptações curriculares pequenas, a elaboração de atividades diferenciadas que contemplem o aluno que está incluso. Já as adaptações maiores, como as de estrutura física, contratação de profissionais especializados, estão fora de seu alcance, dependem mais do poder público, pois requerem investimentos maiores. As tecnologias assistivas vêm para auxiliar o fazer pedagógico do professor, assim como o aluno em processo de inclusão, podem variar conforme a necessidade do aluno. Outro ponto indiscutível é a parceria com a família, pois a escola além de acolher esse aluno com alguma síndrome, dificuldade, deficiência ou altas habilidades também precisa um olhar atento para os familiares, os quais precisam estar seguros e confiantes com a escola e professores para poderem transmitir esses sentimentos ao aluno.

Ao professor compete olhar o aluno com um olhar único, não com piedade, mas sim com potencial, proporcionando tudo o que estiver ao alcance da escola, desde uma simples adaptação de um material didático a um atendimento individualizado, um monitor, um intérprete, ou o que for necessário para que esse aluno se sinta acolhido e respeitado em suas individualidades.

Referências

ARANHA, M. S. F. Inclusão social e municipalização. *In*: MANZINI, E. J. **Educação Especial**: temas atuais. Marília: UNESP, 2000.

ARANHA, M. S. F. **Educação inclusiva: a família**. Brasília: Ministério da Educação, SEE, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/afamilia.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.

BARROSO, J. Factores organizacionais da exclusão escolar: a INCLUSÃO EXCLUSIVA. *In*: RODRIGUES, D. (Org.). **Perspectivas sobre a inclusão**: da educação a sociedade. Porto: Editora Porto, 2003.

BERSCH, R. Tecnologia assistiva e educação inclusiva. *In*: BRASIL. **Ensaio Pedagógico**: construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC/SEESP, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CORTELAZZO, I. B. C.; ROMANOSWSKI, J. P. **Pesquisa e prática profissional: procedimentos de pesquisa**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DAVIS, D. **As Escolas e As Famílias em Portugal/Realidade e Perspectivas**. Lisboa: Edições Livros Horizonte, 1989.

FERNANDES, S. **Fundamentos para educação especial**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

GADOTTI, M. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B8jeXMvFHiD-eXUyZjNPUVUxSGM/edit?resourcekey=0-63VjeRn9_Su2neRICNtJHg. Acesso em: 9 out. 2024.

GARCIA JUNIOR, R. M. C. O conceito de flexibilidade curricular nas políticas públicas de inclusão escolar. *In*: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. B.; VIKTOR, S. L. (Org.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetória de pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/106/79>. Acesso em: 9 out. 2024.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Fundamentos do ensino inclusivo. *In*: STAINBACK, W.; STAINBACK, S. (Org.). **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MACHADO, M. L. A. **A Pré-escola é não é escola: a busca de um caminho**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

MAZZOTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: história e política pública**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MINETTO, M. F. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGUES, D. Educação inclusiva: as boas e as más notícias. *In*: RODRIGUES, D. (Org.). **Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade**. Porto: Editora Porto, 2003.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, A. M. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

SILVA, R. A. F. Acessibilidade, participação e aprendizagem. *In*: BRASIL. **Pacto Nacional na Idade Certa: Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, SEB, 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/obeducpacto/files/2019/08/Educacao-Inclusiva.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.